

RESENHA

O PODER DA EDUCAÇÃO E O LUGAR DA APRENDIZAGEM NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: UMA SÍNTESE

LIMA, Licínio. **Aprender para ganhar, conhecer para competir**: sobre a subordinação da educação na “sociedade da aprendizagem”. São Paulo: Cortez, 2012.

Marta Luiza Sfredo*

A Educação faz tudo? Com essa pergunta o sociólogo português, professor no Instituto de Educação na Universidade do Minho, Licínio Lima, traduz uma das questões mais intrigantes para a educação do tempo presente. Esse questionamento é o fio condutor que orienta as problematizações apresentadas ao longo dos três capítulos que compõem a obra publicada em 2012 no Brasil, pela editora Cortez, com o título *Aprender para ganhar, conhecer para competir: sobre a subordinação da educação na “sociedade da aprendizagem”*. Ao longo deste texto analítico, serão apresentadas as principais contribuições da obra para as pesquisas educacionais do nosso país.

No decorrer do livro fica evidenciada a centralidade que a educação assumiu na sociedade, nos últimos tempos, constatando, apesar da sua relevância, certo exagero nas capacidades e possibilidades relegadas a ela, presentes nos discursos do cenário político e educacional, em termos gerais. Em razão disso, também é apresentada uma reflexão sobre a ênfase na busca pelo conhecimento economicamente útil e rentável para o indivíduo, estabelecendo limites ao empoderamento dado à educação, especialmente quando desenvolve uma crítica mais incisiva à subordinação da

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul de Chapecó; Av. Getúlio Dorneles Vargas, 609, Centro, 89812000, Chapecó, Santa Catarina, Brasil; marta.sfredo@uffs.edu.br

educação aos interesses econômicos vinculados ao neoliberalismo. Outra discussão importante se refere à problemática da pesquisa, especialmente em educação, que, na crítica do autor, está cada vez mais associada aos interesses de mercado, para garantir bons resultados e retorno financeiro. Problematisa também as práticas de avaliação e a influência do saber nas decisões políticas implementadas, sobretudo no campo da educação. Ainda acerca disso, aponta a mudança na forma de articulação das relações estabelecidas entre educação, Estado e sociedade civil e suas implicações na educação de adultos, em que destaca a importância da educação em uma abordagem emancipatória, para que as Organizações da Sociedade Civil não percam sua essência, sendo engolidas pelos ideais mercantilistas.

Sob esses pressupostos, o sociólogo português destaca que, na atualidade, a educação tem sofrido uma valorização crescente como um meio capaz de adaptar e preparar os sujeitos para uma sociedade complexa e competitiva. O papel da educação é garantir que os indivíduos sejam qualificados e tenham os conhecimentos exigidos para fazer parte de um mundo dinâmico e competitivo.

O conhecimento se torna indispensável para que o indivíduo não fique à margem do desenvolvimento e possa fazer parte, nas palavras do autor, “da economia do conhecimento e da sociedade da informação”. Isso fez com que a educação fosse perdendo espaço para a aprendizagem ao longo da vida, que atribui a cada indivíduo a responsabilidade por se adaptar às mudanças apresentadas pela sociedade.

As tramas de um mundo cada vez mais complexo exigem sujeitos cada vez mais performativos e capazes de responder mais e melhor às metas que envolvem esse universo, especialmente em relação ao mercado e à economia, tendo como base os princípios neoliberais. A visão utilitarista, que associa a educação à ideia de aquisição de competências e habilidades para atingir desenvolvimento econômico e competitividade empobrece as possibilidades que ela tem de gerar práticas transformadoras e críticas e esvazia as políticas educacionais do compromisso com a democracia, com a cidadania e com a justiça social. Para potencializar a análise da obra, a sequência do texto aborda cada uma das partes que compõem o livro separadamente, procurando destacar suas potencialidades e desafios.

Na introdução, o autor conduz as análises de forma a ilustrar o cenário atual que atribui à educação um potencial de mudança e transformação, sendo considerada um investimento individual, capaz de gerar ganhos econômicos, o que denota uma volta à Teoria do Capital Humano, produzida desde o pensamento econômico liberal, na década de 1960. Alerta ainda sobre o economismo educacional, presente em do-

cumentos produzidos pela União Europeia, atribuindo destaque às novas formas de vinculação entre educação e trabalho.

Depois desta introdução, em que são estabelecidas importantes discussões que vão servir como questões as quais transitam como pano de fundo para referenciar o que é apresentado nos diferentes capítulos que compõem o livro, o autor apresenta, no primeiro capítulo, aspectos estabelecidos nos discursos de política educacional que retratam a educação reduzida a aprendizagens que qualificam ao desenvolvimento econômico. Esta reflexão conduz aos desdobramentos da máxima contida na pergunta que norteia a abertura do capítulo, a respeito dos limites da educação e se ela realmente tudo pode fazer. Na centralidade das discussões está a competição mundial pelo conhecimento, a partir de uma economia e de uma sociedade que tem como foco o aprender para ganhar.

Conforme o autor, sempre que o padrão de competitividade econômica é tomado como base para nortear as reformas educativas, o retorno à educação na perspectiva humanista fica comprometido, alienando e aprisionando os seus verdadeiros objetivos.

O autor alerta que, sob o jugo do modelo econômico vigente, a educação, a aprendizagem e o conhecimento funcionam como mecanismos de reprodução muito eficazes desse sistema e dificilmente estarão afinados com as verdadeiras ideias-fim da educação: promoção da democracia, da crítica e da transformação social.

De acordo com o sociólogo, é preciso questionar para quem e a favor de quem se volta o conceito de Sociedade Cognitiva, com a finalidade de que a escola e a educação não resultem, para a maioria das pessoas, em novas formas de desigualdade, alienação e aprisionamento. No referido capítulo, fica evidenciado o poder atribuído à educação, presente nos discursos e nas políticas educacionais, por meio do viés da supervalorização das aprendizagens que vão gerar qualificação necessária para movimentar a economia ditada pelas bases neoliberais.

Partindo das teorizações de Ball (2010), de acordo com Lima, em maior ou menor intensidade, está havendo uma transformação no papel do Estado frente à educação, que não está alheia à economia, e, nesse contexto, assume um caráter cada vez mais privado e individualizado. Nesse sentido, o *eu empresarial*, que surge a partir dos preceitos econômicos do neoliberalismo, conduz a uma mudança de paradigma das teorias educacionais. Para a produção desse entendimento, vale destacar que o poder da educação e da aprendizagem não pode ser percebido sem que se considerem as relações de poder e de controle que estão institucionalizadas e que exercem influência sobre ela, expressando-se de distintas maneiras. O que fica evidente é o estímulo

à competitividade em meio à sociedade do conhecimento. Nesse sentido, o poder da educação e do conhecimento não poderia e não deveria ser compreendido sem considerar as relações de poder estabelecidas e fabricadas sob a lógica do incentivo à competitividade na sociedade do conhecimento.

Quando aborda mais diretamente as questões que envolvem o poder da educação, o autor destaca que, se por um lado a educação não é a chave para as transformações sociais, por outro não pode ser reduzida a reproduzir a ideologia dominante. Acerca desse aspecto, aponta como necessidade urgente, especialmente no contexto da educação básica, que preparar para o trabalho, especialmente um trabalho alienado, deve deixar de assumir o foco central da atividade educativa. O autor aponta ser esse o caminho para que a educação seja de fato constitutiva de sujeitos.

O conceito de educação vai gradativamente cedendo espaço para a aprendizagem ao longo da vida, e, conseqüentemente, para todos os seus diversos desdobramentos. Dessa forma, a ideia de educação permanente ganha mais força, especialmente a partir da década de 1990, em uma lógica que, segundo o autor, é caracterizada pelo *aprender para ganhar*. Nessa perspectiva, a compreensão de que a educação e a aprendizagem têm possibilidades limitadas, não indica que devem ser sucumbidas ao determinismo econômico. Lima alerta que, em uma compreensão de democracia e educação articuladas, a emancipação dos sujeitos está vinculada à transformação social e não a uma busca individual de habilidades que permitam ao indivíduo maior competitividade.

Nessa lógica, torna-se indispensável a crítica ao novo paradigma de aprendizagem, forjado pelos princípios da economia neoliberal, que responsabiliza o indivíduo a buscar as aprendizagens necessárias para fazer parte da sociedade da informação e do conhecimento e, ao mesmo tempo, esvazia a educação de seu potencial transformador, quando se volta apenas para a formação do capital humano, determinando a finalidade da educação ao desenvolvimento econômico e à produtividade, refletida na abordagem de competências e habilidades, para que se alcance o *status* de sociedade da aprendizagem e de economia do conhecimento.

O segundo capítulo, intitulado *Sobre a pesquisa em educação*, aborda a problemática referente às investigações educacionais. Inicialmente, o sociólogo português destaca a importância da pesquisa, especialmente a partir da sua vinculação ao progresso da economia, baseada na competitividade. A pesquisa em educação, nessa argumentação, está imersa nesse contexto e aponta para a emergência do que o autor denomina de um capitalismo acadêmico. Fica evidenciado que, a transição para a economia do conhecimento passa pela investigação, motor do crescimento econômi-

co e da competitividade. Nesse âmbito, a pesquisa deve ser útil e, ao mesmo tempo, competitiva.

A rivalidade e a concorrência, para Lima, funcionam como elementos centrais da pesquisa e da inovação, garantindo os financiamentos necessários e a ancoragem para a investigação se estabelecer sob a égide do *conhecer para competir*. Forja-se, assim, a identidade do pesquisador como acadêmico-empresendedor, especialista em assuntos determinados e fortemente expostos aos efeitos da performatividade.

Afirma a urgência em se pensar a respeito das orientações de cunho político, epistemológico e pragmático, que perpassam o trabalho com a pesquisa em educação e problematizam questões sobre o conceito de escolas eficazes e seus desdobramentos, especialmente no que se refere aos indicadores de qualidade e performatividade, embebidos nas orientações da nova gestão pública, que refletem diretamente nas políticas educacionais.

No terceiro capítulo, é estabelecida uma teia de relações importantes entre educação, Estado e sociedade civil, a partir do que é nomeado déficit democrático. Além disso, são descritas, também, as transformações significativas sofridas por essas esferas, a partir da crescente onda de globalização que implicou mudanças nas formas de governo e, conseqüentemente, impulsionou estas mudanças nas concepções educativas, nos discursos e nas práticas pedagógicas.

Um dos principais efeitos foi o deslocamento da educação para a aprendizagem, que se traduz na máxima contida no título do livro *“Aprender para ganhar – conhecer para competir”*. Essa condição reflete o panorama que permeia o discurso político a respeito da educação em termos internacionais e que corresponde a uma mudança de paradigma nas relações entre Estado e educação, evocando a responsabilização do indivíduo por seu conhecimento, a partir do momento em que atrela a aprendizagem e a competitividade unicamente a ganhos econômicos e à promoção individual.

O autor coloca a aprendizagem atribuída a uma responsabilização individual, como promoção pessoal, em que cada um deve buscar por si construir aprendizagens úteis, que lhe garantam retorno financeiro. Apoiado nessa lógica, Lima faz um breve resgate histórico da educação de adultos em Portugal, fazendo perceber que, muitas das iniciativas propostas para a área têm sido voltadas exclusivamente para a diplomação dos sujeitos, em que se objetiva também formar mão de obra com habilidades economicamente favoráveis.

O sociólogo vincula a desvalorização sofrida pela educação popular de adultos, do tipo não escolar, em contextos associativos, promovida por organizações

não governamentais e organizações da sociedade civil, à subordinação da educação à ideia de formação e aprendizagem ao longo da vida, em um viés de valorização dos ganhos econômicos. Assinala que promover a educação para a democracia e para a participação crítica e transformadora se torna algo bastante complexo e difícil se distanciado das práticas democráticas. Descreve, ainda, ao finalizar o último capítulo, que a participação para a transformação é uma conquista histórica, classificada, nas palavras do autor, como tesouro democrático, herança dos movimentos sociais, pautados por ideais de educação popular.

O que fica evidenciado ao longo do livro é o direcionamento dado à educação, que passa a ser considerada a chave para a solução dos problemas sociais e econômicos vivenciados na atualidade e, ao mesmo tempo, sofre um processo de mercadorização marcado pelas nuances da performatividade, esta vinculada a um processo de expansão dos ideais neoliberais, no qual o conhecimento perde seu valor em si e passa a ser medido pela rentabilidade que garante ao sujeito, ou seja, ao retorno econômico que produz. Realce especial é atribuído ao conhecimento, que passa a ser utilizado em favor da promoção de aprendizagens economicamente úteis e rentáveis. Dessa forma, a valorização da educação como formação humana para o desenvolvimento democrático e social é substituída pela necessidade de formar um capital humano qualificado, capaz de potencializar o desenvolvimento econômico.

É fundamental destacar a importância desta obra para o estudo contemporâneo das políticas educacionais, problematizando os efeitos da economia neoliberal no direcionamento dos rumos educacionais e seus reflexos na formação de sujeitos capazes de *aprender para ganhar e conhecer para competir*.

Recebido em 17 de setembro de 2013

Aceito em 22 de janeiro de 2014